

# Eterno embuste

*Depois de morto o general Mourão ainda agita*

Não é a primeira vez que Laurita Mourão Irazabal, filha do falecido general Olympio Mourão Filho, presta um serviço à L&PM Editores, de Porto Alegre. Em 1978, quando a mesma editora tinha no prelo o livro de memórias do general — “Memórias, a Verdade de um Revolucionário” —, ela conseguiu, por uma liminar, sustar sua publicação alegando razões políticas. Seis meses depois, a Justiça revogou a liminar e autorizou a publicação das memórias, doadas em 1971 ao historiador Hélio Silva.

A história se repete agora. Naquele mesmo ato de doação, Mourão Filho entregou a Hélio Silva os originais da defesa que apresentou a um “tribunal de honra” do Exército brasileiro, esclarecendo sua participação no famoso Plano Cohen, que acabou servindo de pretexto para que Getúlio Vargas instalasse, em 1937, o Estado Novo. A publicação do texto dessa defesa, acrescida de um amplo painel histórico do Plano Cohen e suas conseqüências sobre a vida brasileira, forma o corpo do livro “A Ameça Vermelha — O Plano Cohen”, já nas livrarias. E lá está ela de novo, a mesma Laurita — e de novo pedindo ao historiador a devolução dos originais do Plano Cohen e a restituição dos direitos autorais referentes ao livro de memórias.

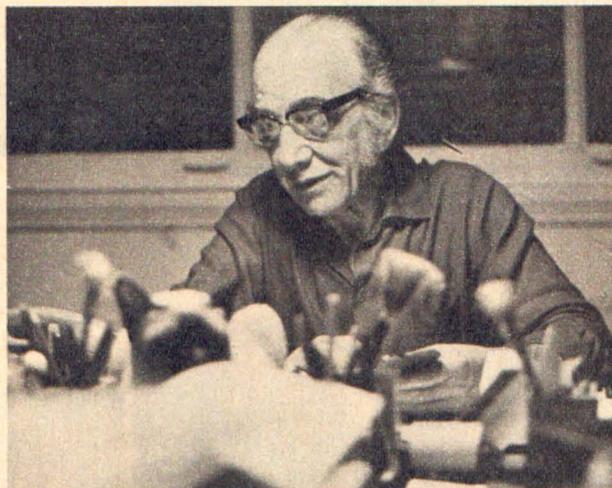
**ESCLARECIMENTO** — “Previ que isso aconteceria novamente”, diz Hélio Silva. “É a pressão exercida sobre ela por elementos que não querem a verdade conhecida e o gosto de Laurita pela publicidade, o que aliás a beneficiou no primeiro processo, lançando-a como escritora.” Hélio Silva afirma, também, que está cumprindo um compromisso. “Prometi ao general Mourão a publicação dos dois livros que ele me entregou para esse fim, confiando em minha coragem, já que não pôde publicá-los em vida”, conta ele. O general Mourão, na verdade, teria suas razões para

lutar pelo esclarecimento definitivo de sua participação em um dos mais escuros e controvertidos incidentes na coletânea de fatos que compõe o golpe de Estado de 1937.

Naquele ano, segundo a versão que apresentou a Hélio Silva, Mourão, então um jovem capitão — e também chefe daquilo que ele e seus parceiros políticos consideravam ser os “serviços secretos” da Ação Integralista Brasileira, comandada por Plínio Salgado —, redigiu de próprio punho uma espécie de especulação do que poderia ser um levante comunista no Brasil e de como se daria a reação dos integralistas. No final, assinava primeiro “Bela Khun”, nome depois riscado e trocado simplesmente para “Cohen”. Sempre segundo a versão, Plínio Salgado considerou o

texto fantasioso demais, mas, por via da intriga e do descuido de Mourão, o trabalho acabou caindo nas mãos do Estado-Maior do Exército, onde ganhou então foros de documento comunista apreendido. Manipulado habilmente na imprensa e apresentado como a prova concreta da ameaça vermelha, foi a justificativa para que Getúlio se perpetuasse no poder pelo golpe desfechado pelo general Góis Monteiro, em 10 de novembro de 1937.

Em 1955, o mesmo general Góis Monteiro afirmaria que o Plano Cohen havia sido forjado pelo general Mourão e é em sua defesa que este escreveu o que agora ocupa 150 páginas do trabalho do historiador Hélio Silva — na verdade, o texto mais suculento e revelador do livro. Até agora, o embuste do Plano Cohen estava amarrado na acusação de Góis Monteiro. Com a publicação de “A Ameça Vermelha”, fica-se sabendo que há pelo menos outra versão — a de que o embuste foi fruto de um engano. Para absolver culpas, essa história é ótima. Ruim ficou o Brasil, entre 1937 e 1945 — e não há notícias de que Mourão, em vida, haja reclamado publicamente disso.



ANTÔNIO ANDRADE



OGLOBO



*Hélio Silva diz que Laurita quer notoriedade e publica a defesa de seu pai, o general, e de sua participação no famoso Plano Cohen*